

Jornal da Tarde

2/2/1985

O fenômeno. E um confronto de números.

Vamos tomar como exemplo o ABCD do campo: a microrregião de Ribeirão Preto, municípios e 1,8 milhão de habitantes.

Os números são muito importantes, para que você possa medir a extensão das relações entre o capital e o trabalho, nesta região.

Há 21 usinas e cerca de 4.000 fornecedores. As usinas possuem cada uma, de 7 mil a 30 mil hectares de terras próprias e os fornecedores, juntos, são donos de 250 mil hectares.

Em 1975, a cana ocupava 224 mil hectares, na região: hoje, com o esforço do álcool, ocupa 413 mil hectares. As 21 destilarias produzem 1,7 bilhão de litros de álcool e 27 milhões de sacas de açúcar. Ou 20% do álcool produzido no País. E, com relação ao açúcar, 35,8% dos 112 milhões de toneladas produzidas no Estado de São Paulo.

A safra da cana vai de abril a dezembro. O primeiro trimestre de cada ano é a entressafra.

Agora, um primeiro conflito de números. A população rural desta região é calculada em 285 mil habitantes. Pois bem: usineiros e fornecedores estimam que 80 mil trabalhem na safra da cana. A Fetaesp afirma que há 150 mil trabalhadores e, destes, 40 mil estão desempregados na entressafra. As usinas dizem que os desempregados são cerca de 2000.

A partir daí, qualquer discussão sobre números torna-se impossível. As usinas insistem que 44.101 trabalhadores fixos (não confundir com bóias-frias) foram empregados, por elas, na última safra. Destes, 7.849 foram dispensados ou saíram espontaneamente. Outros 37.000 volantes (os verdadeiros bóias-frias) trabalham para fornecedores.

Não há um juiz para esses números. Em termos de Brasil, segundo o Instituto do Açúcar e do Alcool, os bóias-frias somam 3,3 milhões de trabalhadores, dos quais 300 mil estão no Estado de São Paulo.

A região de Ribeirão Preto é a que melhor remunera o trabalhador rural. Os fixos não querem sair dos seus empregos. Todos, fixos e volantes, ganham, depois do último acordo, Cr\$ 12.000 de diária por serviços gerais na lavoura. Quando chegar o corte de cana, a partir de abril, na safra, haverá um novo acordo pagando por produção. No ano passado, em novembro, um bom cortador de cana recebeu até Cr\$ 700.000 no mês. A média da região ficou em Cr\$ 350.000.

O rurícula canavieiro fixo também possui uma vantagem. Pelo Estatuto Canavieiro de 1933, 1% do faturamento bruto da usina é revertido para a assistência social ao trabalhador rural, assim como 1% do lucro do açúcar e 2% do álcool. Mas isso só vale para o setor agroindustrial canavieiro.

Para os fixos, das usinas, é realmente uma grande vantagem: eles possuem assistência médica própria, hospital, educação, etc., vantagens que são extensivas às suas famílias.

O problema mesmo é o bóia-fria, o avulso. O fornecedor não tem as mesmas condições do usineiro. E ele recorre ao gato, que é o empreiteiro de mão-de-obra, o atravessador.

E, quando chega a entressafra, as cidades da região começam a se agitar socialmente. E é aí que entra a fórmula dos serviços gerais de lavoura, ou seja, a capina, o plantio de grãos e

cereais. Claro que o rendimento cai. Na última safra, famílias inteiras de bóias-frias, trabalhando, chegaram a faturar um milhão e meio por mês.

Há trabalhadores que preferem ser avulsos, nunca fixos. Assim, eles vendem sua força de trabalho com maior facilidade, para quem paga cada vez mais: além da cana, há o algodão, o milho.

Segundo a Imagem, uma empresa que assessora as usinas da região, 90% do pessoal avulso que trabalha na safra, no corte da cana, voltam para os seus Estados de origem. A grande parte é do Norte de Minas. Desses 90%, pouco menos da metade é de pequenos proprietários; rurais (há gente de Minas e de todo o Nordeste), alguns com mais de cem hectares de terra em suas regiões, que vêem na safra da cana uma oportunidade de se capitalizarem.

Todos esses números formam um quadro muito propício para reivindicações, conflitos, agitações, luta política.

O perfil do último movimento grevista de janeiro, feito por centenas de bóias-frias da região, que trabalham, basicamente, para os fornecedores, é extremamente complexo. Há interesses políticos, evidentes, envolvendo uma disputa CUT — Central Única dos Trabalhadores, ligada ao PT — e Conclat — Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras, apoiada pelo PMDB, a disposição da Conclat é pela negociação, sempre. A CUT é acusada por usineiros, fornecedores e naturalmente pelo pessoal da Conclat, de promover a agitação. Mas a CUT, através do mais avançado líder bóia-fria da região, Zé de Fátima, devolve a acusação de agitadores a pessoas ligadas à Conclat.

(Página 2 — Caderno de Programas e Leitura)